

Guerra Russo-Japonesa: a preparação das Forças Armadas Imperiais do Japão

Carlos Roberto Carvalho Daróz^a

Resumo: Na transição do séculos XIX para o XX o Japão se afirmou como uma potência asiática, superando antigos rivais regionais, como a Rússia e a Coreia. O presente artigo analisa a preparação das forças armadas japonesas no limiar da Guerra Russo-Japonesa (1904-1905), destacando o componente geopolítico, o pensamento militar e as estruturas de comando e estado-maior.

Palavras-chave: Guerra Russo-Japonesa, estado-maior, Império Japonês

INTRODUÇÃO

Para muitos observadores atentos, o advento do século XX anunciou o fim da antiga China. A ascensão do Japão expôs a fraqueza militar chinesa, fato que as potências ocidentais rapidamente exploraram, trazendo ao império chinês o perigo de desmembramento. Em janeiro de 1898, a Alemanha garantiu um contrato de arrendamento de 99 anos na Península de Shandong,

como parte de um acordo de reparação frente ao assassinato de dois missionários alemães. Dois meses depois, a Rússia negociou um tratado de longo prazo com o tribunal chinês para um arrendamento na Península de Liaodong, entre Dairen e Port Arthur, local onde os navios de guerra russos estavam ancorados desde dezembro anterior.¹ A Grã-Bretanha reagiu assegurando concessões em abril para uma base na-

^a Coronel de Artilharia. Associado titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



val em Weihaiwei. A França esculpiu uma esfera de influência no sul da China, e o Japão buscou concessões ferroviárias em Fujian, em frente à sua colônia de Taiwan.

A REVOLTA DOS *BOXERS*

O ressentimento da população chinesa devido a mais de trinta anos de humilhações e ocupações estrangeiras explodiu em 1900, quando uma série de ataques violentos contra estrangeiros liderados pelos *Boxers*, uma sociedade secreta que gozava de apoio secreto da dinastia Qing, recorreu ao apoio local com sua retórica antiestrangeiros e anticristã.

O assassinato do embaixador alemão na China e o subsequente cerco dos *Boxers* ao bairro das legações estrangeiras em Pequim fizeram com que as potências ocidentais (Grã-Bretanha, França, Alemanha, Itália, Rússia e Estados Unidos) e o Japão enviassem tropas para intervir na situação, resgatar as missões diplomáticas, proteger os missionários ocidentais e punir os

Boxers. O Exército Japonês usaria a ocasião para mostrar o resultado de suas mais recentes reformas militares.

Uma pequena força expedicionária aliada montada apressadamente sob o comando britânico contando com cerca de 2.000 soldados, incluindo aproximadamente 300 japoneses, marchou de Tianjin para Pequim no início de junho. Em 12 desse mesmo mês, as forças armadas mistas de *Boxer* e Qing interromperam esse avanço, destruindo uma ponte a 30 milhas da capital. Os aliados, em número muito inferior, sofreram mais de 300 baixas.

Ciente do agravamento da situação, o estado-maior em Tóquio esboçou planos ambiciosos de contingência, mas o gabinete, com lembranças recentes e amargas da Intervenção Tripartite², recusou-se a mobilizar forças de grande porte, a menos que fossem solicitadas pelas potências ocidentais. Três dias depois, o estado-maior enviou uma força provisória de 1.300 homens ao norte da China, comandada pelo major-general Fukushima Yasumasa, dire-



tor do 2º Departamento de Inteligência, escolhido porque seu inglês fluente lhe permitiria se comunicar com o comandante britânico. O destacamento de Fukushima desembarcou em 5 de julho perto de Tianjin.

Durante o intervalo, algumas centenas de homens da infantaria naval da Força Especial de Desembarque de Sasebo se juntaram às tropas britânicas, russas e alemãs para tomar os fortes de Dagou, perto de Tianjin, em 17 de junho, mas, quatro dias depois, a corte Qing declarou guerra às potências estrangeiras.

As circunstâncias perigosas obrigaram os britânicos, então fortemente engajados na Guerra dos Bôeres, a pedir ao Japão reforços adicionais. Ultrapassando dúvidas pessoais sobre o apoio - muitos japoneses pensavam ser uma cruzada religiosa das potências ocidentais contra os chineses - o ministro das Relações Exteriores Aoki Shuzo calculou que as vantagens de participar de uma coalizão aliada eram muito atraentes para serem ignoradas. O primeiro-ministro Yamagata pensou do mesmo modo, mas outros membros do gabinete exigiram

garantias dos ocidentais em troca dos riscos e custos dos reforços.

O gabinete colocou, em 6 de julho, a 5ª Divisão de Infantaria na situação de prontidão para intervir na China se necessário, mas não estabeleceu nenhum cronograma para seu desdobramento.

Mais tropas terrestres eram urgentemente necessárias para levantar o cerco dos *Boxers* às legações estrangeiras em Pequim, e os japoneses tinham as únicas forças prontamente disponíveis na região. Como mencionado, o Exército Britânico estava envolvido com a África do Sul, e levaria muito tempo e enfraqueceria a segurança interna para mobilizar grandes forças de suas guarnições da Índia. Em 8 de julho, o embaixador britânico no Japão ofereceu ao ministro Aoki um milhão de libras esterlinas em troca de mais reforços. Pouco depois, as unidades avançadas da 5ª Divisão partiram para a China, reforçando a força aliada de 17.000 homens com 3.800 soldados japoneses.³

Um segundo exército expedicionário, mais forte, invadiu Tianjin em 14 de julho e ocupou a cidade.



Os aliados então se consolidaram e esperaram o restante da 5ª Divisão e outros reforços da coalizão. No início de agosto, a expedição avançou em direção a Pequim, onde, um mês mais tarde, levantou o cerco *Boxer*. Na ocasião, a força japonesa era o maior contingente, representando cerca de 40% da expedição aliada, de aproximadamente 33.000 homens.

As tropas japonesas desfrutaram de seu melhor desempenho ao longo da campanha. O comandante da 5ª Divisão, que havia assumido o controle operacional de Fukushima, ordenou que os homens demonstrassem a disciplina, a coragem e a firmeza do Japão, em contraste com as demais unidades de outros países. Oficiais em todos os níveis reforçaram os padrões draconianos de disciplina. Oficiais subalternos alertavam os subordinados que o exército lidaria de forma séria e severa em caso de violência contra as famílias chinesas, incêndio criminoso ou roubo. O estupro era punido com prisão e decapitação imediata. Mesmo infrações menores eram du-

ramente punidas. Fukushima permaneceu na China para assegurar a disciplina na linha de frente.

As tropas japonesas se saíram bem em todos os aspectos, apesar de um observador militar britânico sentir que sua agressividade, formações densamente compactas e disposição para atacar lhes custassem mortes excessivas e desproporcionais. Durante a luta de Tianjin, por exemplo, os japoneses sofreram mais da metade das baixas aliadas (400 de 730), mas compreendiam menos de um quarto da força (3.800 de 17.000).⁴

A história foi semelhante em Pequim, onde foram responsáveis por quase dois terços das perdas (280 de 453), mas um pouco menos da metade da força de assalto. O único grande descuido na disciplina ocorreu quando militares de todos os postos e graduações se juntaram a seus aliados no saque generalizado em Pequim, aparentemente com o entendimento de que, se os ocidentais estavam saqueando, os japoneses também podiam fazê-lo. Um correspondente britânico observou, no entanto, que os japoneses



saquearam “tão bem que não pareciam saques”.⁵

Como parte do acordo firmado em setembro de 1901 com o tribunal chinês, os poderes de coalizão foram autorizados a manter tropas estacionadas entre Tianjin e Pequim para proteger seus cidadãos e garantir uma linha segura de comunicação com o mar. O ministério da Guerra ativou o Exército da Guarnição da China, a designação para unidades do Exército estacionadas no norte da China sob os termos do Protocolo *Boxer*.

O novo exército era uma unidade provisória, não regular, cuja base de tropas era fixada por decreto imperial e reunia elementos de várias divisões que lhe eram atribuídas num processo de rodízio de um ano. Outras concessões incluíam o direito da Rússia de manter suas guarnições reforçadas na Manchúria, sob a promessa de uma retirada gradual.

A Revolta dos *Boxers* revelou a crescente dificuldade da Grã-Bretanha em manter sua influência no nordeste da Ásia. A Guerra dos Bôeres havia drenado as capacidades

do Exército Britânico e forçado diplomatas a pagar ao Japão para enviar tropas para reprimir os *Boxers* e contrabalançar a intervenção militar russa.

O sistema de alianças europeias havia isolado a Grã-Bretanha internacionalmente e, no leste da Ásia, as marinhas francesa e russa, combinadas, superavam a frota britânica. Envolvidos em uma corrida naval com a Alemanha e desconfiados da intromissão da Rússia na China e das implicações da construção da ferrovia Transiberiana, os britânicos precisavam de aliados. O Japão também foi diplomaticamente isolado após a Intervenção Tripartite e teve que lidar com a presença russa na Manchúria e sua potencial ameaça à Coreia.

Ao assinarem a aliança naval anglo-japonesa de 1902, as partes concordaram em respeitar os interesses de cada uma na China, que consistiam em manter uma neutralidade estrita caso um ou outro se envolvesse em uma guerra e intervir se um terceiro participasse do conflito.⁶



Para a Grã-Bretanha, o tratado restaurou a balança naval nas águas do leste asiático e forneceu um exército para controlar a expansão russa. Para o Japão, permitiu que o exército abordasse a ameaça russa à Co-

rusa e a fortaleza em Port Arthur, e a Ferrovia Transiberiana estava em fase de conclusão. A mobilidade estratégica da Rússia melhorou muito, particularmente o potencial de mover rapidamente grandes unidades



Tropas japonesas durante a Revolta dos Boxers na China

reia sem medo de intervenção estrangeira.

O tratado assumiu maior significado quando a Rússia não retirou os reforços que enviara à Manchúria para proteger suas zonas ferroviárias e parecia decidida a expandir-se ainda mais. Engenheiros militares estavam melhorando a base naval

ferroviárias para a Manchúria, alarmou os líderes do Japão, e as repetidas advertências de Yamagata sobre os perigos que a ferrovia representava para os interesses nacionais do Japão pareciam estar se tornando realidade.⁷



PREPARATIVOS PARA A GUERRA CONTRA A RÚSSIA

O Exército Imperial japonês considerava a Rússia como seu inimigo tradicional, mas o estado-maior só iniciou um planejamento operacional substancial para a guerra com a Rússia em 1900. Os planos iniciais previam a captura de Port Arthur, seguida de uma batalha decisiva perto de Mukden, na Manchúria, com operações anfíbias secundárias contra a Marinha Russa. Após a chegada de reforços russos adicionais na Manchúria, em julho de 1900 e a conclusão da maioria das seções da ferrovia Transiberiana, o estado-maior revisou os planos em 1901 para se concentrar na defesa da Coreia.

No ano seguinte, o major Tanaka Giichi, recém-retornado do posto de adido militar na Rússia, assumiu o controle de um pequeno grupo de planejamento dentro do quadro geral de funcionários que trabalhava sob rígida segurança. Em agosto de 1902, havia reformulado os planos de guerra da equipe em

uma estratégia que, assim como o conflito sino-japonês, dependia das capacidades navais do Japão. Se a Marinha pudesse controlar o Mar Amarelo, o Exército poderia, com segurança, enviar tropas para o continente e a Manchúria seria o principal teatro de operações. Se a Marinha fosse capaz de controlar o Estreito de Tsushima, o Exército desembarcaria no sul da Coreia e defenderia os interesses japoneses na península.⁸

Por seu turno, a Marinha estava insatisfeita com os arranjos que estabeleciam que, em caso de guerra, seria comandada por um general do exército. Frustrados por serem dominados pelo Exército, os líderes navais, especialmente o almirante Gombei Yamamoto, exigiram veementemente mudanças na estrutura, para dar ao chefe de Estado-Maior Naval um status equivalente ao seu congênere no exército. O general S roku Kawakami se opôs a Yamamoto e insistiu que as operações em tempo de guerra tinham que ser baseadas em planos de paz, preparadas por uma única autoridade - o Exército.



Após a morte de Kawakami, em 1899, as duas forças recorreram continuamente ao trono imperial para resolver a questão do comando. Finalmente, em dezembro de 1903, com a guerra contra a Rússia se aproximando, o chefe do Estado-Maior do Exército, general Yudama, e o primeiro-ministro Yamagata pediram ao imperador que permitisse que tanto o chefe do Estado-Maior Naval quanto o chefe do Estado-Maior assessorassem o trono nas questões relativas à defesa nacional e às operações militares. Essa mudança criou uma cultura na qual as equipes gerais do Exército e da Marinha eram independentes umas das outras, mas não resolviam questões fundamentais de planejamento conjunto, operações conjuntas ou comando e controle.

O vice-chefe do Estado-Maior General Iyoz Tamura era o cérebro por trás dos conceitos operacionais e de mobilização do exército para a guerra. Tendo passado seis anos como oficial subalterno na Alemanha, Tamura era um dos poucos oficiais japoneses versados nas teorias de guerra de Karl von Clausewitz, e

amadurecera como um estrategista de primeira linha, embora fosse conservador. Para manter o segredo acerca do trabalho de Tamura, o relatório anual do exército submetido ao trono continuou a descrever uma estratégia nacional defensiva, mesmo enquanto o Estado-Maior Geral reescreveu seus planos de contingência ofensivos.

Quando as tropas russas não deixaram a Manchúria, como estipulou o Protocolo *Boxer*, em 21 de abril de 1903, os principais ministros das Relações Exteriores se reuniram com importantes estadistas em Kyoto, onde concordaram em buscar uma solução diplomática. Se a diplomacia falhasse, eles recorreriam à guerra. O major-general Sh go Iguchi, diretor do Departamento de Assuntos Gerais, um defensor da guerra rápida, pressionou Tamura para notificar ao gabinete que o exército estava pronto para a guerra. Tamura, no entanto, nutria sérias dúvidas sobre a prontidão de combate do Exército - a nova estrutura de força ampliada acabara de se tornar operacional - e usou a ameaça



rusa para justificar uma maior expansão da força.

O chefe de gabinete do Exército, marechal-de-campo Iwao yama, notificou o imperador de que a intromissão russa na Ásia Oriental iria corroer as conquistas do Japão desde a restauração Meiji e que a dominação russa da Coreia ameaçaria diretamente a segurança nacional. Preparações militares imediatas para a guerra eram necessárias. Em meio a essas avaliações militares conflitantes, uma conferência imperial concluiu, em 23 de junho, que as concessões à Rússia eram possíveis em relação à Manchúria, mas a Coreia representava um interesse nacional vital e, portanto, inegociável.⁹

O general Tamura morreu repentinamente em outubro de 1903, tendo literalmente trabalhado até seus dias finais. Sua perda foi um golpe esmagador para o estado-maior, acontecendo em um momento crítico nas relações entre a Rússia e o Japão, que provocou uma crise na liderança. O primeiro-ministro Tar Katsura era indeciso, Yamagata estava deprimido e

yama não estava psicologicamente pronto para a guerra. O general Iguchi lamentou que o Exército e a Marinha estivessem em desacordo com a estratégia, e o ministro da Marinha estava colocando interesses pessoais acima do bem nacional. O único ponto brilhante era a disposição do tenente-general Gentar Kodama de aceitar um rebaixamento para substituir Tamura, um ato que Iguchi considerou como prova de que "o céu ainda não abandonou nosso império".¹⁰

Kodama renunciou a dois cargos ministeriais e submeteu-se ao rebaixamento de dois níveis, para servir como vice-chefe do Estado-Maior do Exército. Sob sua orientação, em fevereiro de 1904, os oficiais de estado-maior finalizaram um plano de campanha em duas etapas que buscava a destruição dos exércitos russos na Manchúria, bem como da frota russa do Pacífico.

Durante o primeiro estágio, o 1º Exército avançaria para as margens do rio Yalu para impedir uma invasão russa do norte da Coreia. O 2º Exército estabeleceria uma base de operações na península sudeste



de Liaodong; então o 3º Exército desembarcaria, avançaria para Port Arthur, isolaria a localidade, atacaria se necessário e apoiaria os outros exércitos. Enquanto o 1º e 2º exércitos se moviam para o norte, para a Manchúria, o 4º Exército, menor, desembarcaria entre ambos, ao longo da margem nordeste do Golfo de Bohai, para proteger seus flancos e assegurar a linha férrea de comunicação.

O objetivo da Kodama era cercar e destruir o Corpo Independente Russo-Siberiano e o 2º Corpo perto de Liaoyang, antes que os reforços

da Rússia europeia pudessem chegar e esmagar os japoneses com suas tropas em quantidades esmagadoramente superiores. Os oficiais calcularam que levaria cerca de seis meses para mover oito divisões da Europa para a Manchúria, dando ao exército muito tempo para alcançar os objetivos da Kodama. Não havia planos específicos para um segundo ano de campanha.¹¹

Incapaz de resolver o impasse com a Rússia por meio da diplomacia, a conferência imperial de 4 de fevereiro de 1904 decidiu pela



Encouraçado russo *Retzivan* afundado em Port Arthur



guerra. Durante vários dias, o imperador Meiji não conseguiu dormir nem comer, temendo a possibilidade de relatar uma derrota aos seus antepassados. Mais tarde, ele disse à imperatriz que não era seu desejo lutar contra a Rússia e se preocupava em enfrentar seus súditos se o Japão perdesse. Oficiais do Exército também estavam bem conscientes de que o Japão não poderia vencer uma guerra prolongada.¹²

Em meio a incertezas e receios, o Japão rompeu relações diplomáticas com a Rússia no dia 6 de fevereiro e, dois dias depois, sem uma declaração formal de guerra, a Marinha lançou um ataque surpresa contra um esquadrão russo atracado no porto de Port Arthur.

O ataque surpresa visava destruir a frota russa ancorada ou, pelo menos, neutralizar a esquadra inimiga, afundando transportes japoneses obsoletos para bloquear a entrada do porto. A supremacia marítima passaria então para a Marinha Imperial japonesa e permitiria que o exército enviasse tropas com segurança para a costa oeste da Coreia e para a península de Liaodong. O

desprezo russo pelos japoneses levou-os a subestimar a seriedade da ameaça e deixar Port Arthur despreparado para um ataque repentino. Ainda assim, o ataque naval japonês não destruiu a esquadra russa, embora tivesse avariado gravemente três importantes navios, nem fechado o porto. A frota russa em Port Arthur permaneceu como uma responsabilidade estratégica para o Japão, o que provocaria um terrível prejuízo ao exército do imperador. Em 10 de fevereiro, o imperador Meiji divulgou um memorial declarando guerra contra a Rússia.¹³

O Quartel-General Imperial foi instalado nos terrenos do palácio no dia seguinte. Ao contrário do que aconteceu durante a Guerra Sino-Japonesa, os ministros civis foram excluídos da sede e proibidos de participar oficialmente das reuniões do estado-maior embora, as redes informais mantivessem os líderes civis bem informados sobre os acontecimentos. O quartel-general tornou-se o centro oficial de operações onde os oficiais superiores informaram ao imperador sobre ques-



tões estritamente militares. A tomada de decisões estratégicas ocorreu durante as deliberações dos estadistas que, normalmente, precediam uma conferência imperial e faziam da reunião na presença do imperador o mais alto mecanismo de tomada de decisão para questões militares e de política externa em tempos de guerra. Não havia aparato formal para conectar a política militar e civil, e o sistema dependia de relações pessoais informais cimentadas por anos de trabalho conjunto no governo.

Três tentativas subsequentes da Marinha - no final de fevereiro, final de março e novamente em maio - de selar o canal de Port Arthur afundando velhos transportes na foz do porto também fracassaram. O Estado-Maior do Exército tinha escrito um cronograma de implantação rigorosamente faseado que dependia de todas as etapas do apoio da marinha e, a cada desapontamento, as relações entre o exército e a marinha se deterioravam. Em meados de março, por exemplo, o 1º Exército desembarcou em segu-

rança perto de Pyongyang. O Estado-Maior Geral ficou chocado e aturcido quando a Marinha anunciou que adiaria outras operações contra Port Arthur até meados de maio. Incapaz de atrasar o desembarque do 2º Exército em 5 de maio na península de Liaodong, o exército teve que arriscar seus transportes de tropas lentos para um possível ataque do esquadrão de Port Arthur, a fim de cumprir seu cronograma de guerra rápida.

Enquanto isso, o 1º Exército mudou-se para o norte de Inchon e, em dois dias de combates em 30 de abril e 1 de maio, empurrou os russos de volta ao longo do rio Yalu, perto de Andong. Este menor envolvimento teve grandes ramificações. Os japoneses, considerados por muitos no Ocidente como pequenas pessoas de uma terra exótica, derrotaram as tropas caucasianas de uma potência de classe mundial.

Os mercados de ações em Nova York e Londres de repente perceberam que o Japão era um bom investimento, e as compras estrangeiras de títulos do governo e ofertas de empréstimos impulsionaram



a economia em tempo de guerra. No front doméstico, no entanto, o público ficou chocado e crítico porque os mais de 900 japoneses mortos ou feridos excederam o número total de baixas em batalhas da Guerra Sino-Japonesa. O vice-ministro de guerra, tenente-general Shinroku Ishimoto, defendeu o desempenho das tropas aos jornalistas, atribuindo as perdas à tecnologia de armas modernas, e não à liderança inepta.¹⁴

Em 25 de maio, as três divisões do 2º Exército atacaram um regimento de infantaria russo entrenchado que defendia Nanshan no estreito terreno elevado que separava as metades norte e sul da península de Liaodong. Os combates começaram no início do dia com uma preparação de artilharia de três horas, seguida de um ataque frontal contra as posições russas ainda intactas. No meio da manhã, o 2º Exército lançou suas reservas finais na batalha, mas ainda não conseguiu quebrar as defesas. Enquanto a munição de artilharia diminuía, as baixas aumentavam e as tropas ficavam exaustas, oficiais do estado-

maior recomendavam que o general Yasukata Oku, o subcomandante do exército, se retirasse e se reagrupasse. Oku, em vez disso, ordenou novos ataques, desconsiderando as perdas.

A doutrina tática dependia de colunas densas para estabelecer suficiente superioridade de fogo e manter uma posição defensiva, mas o espaço de manobra limitado de Nanshan canalizava os ataques de infantaria a ataques frontais diretos. A combinação de tática e terreno deixou os atacantes expostos ao fogo russo que causou perdas impressionantes antes que os finalmente recuassem no final da tarde. Mais tarde, o exército descreveu esses ataques como "ataques com balas humanas" e reivindicou para consumo público que eles simbolizavam as virtudes exclusivamente japonesas de coragem, determinação e auto sacrifício. De fato, quando oficiais do estado-maior no quartel-general receberam os primeiros relatórios oficiais de 3.817 baixas na batalha de Nanshan, sua



reação imediata foi de que um escrivão descuidado erroneamente adicionara um dígito extra por engano.

A doutrina tática do exército era incompatível com a tecnologia moderna das armas. De acordo com um jovem capitão do 2º Exército,

não são nossas táticas que desperdiçam a vida de bravos guerreiros. São as fortificações e equipamentos russos superiores e nossa falta de poder de fogo de metralhadora que não nos dá chance de vencer. Com metralhadoras estendendo a distância [da zona de abate], as táticas de mesa não podem mais ter qualquer aplicação prática.¹⁵

Linhas estendidas de escaramuçadores logo substituíram as colunas densas, e os intervalos entre soldados individuais aumentaram. Alguns comandantes táticos, como o coronel Ichiwara Shinichiro, adaptaram-se rapidamente. A atitude indiferente de Ichiwara constrangerá seus oficiais subalternos durante as manobras em tempo de paz, mas em Nanshan ele repetidamente reunia seus homens, ignorando o fogo russo pesado. Na luta real, observou mais tarde, o inimigo

era menos cooperativo do que em exercícios.

O chefe do estado-maior de Yamagata, o primeiro-ministro Katsura (simultaneamente um general da ativa), o ministro de Guerra Masatake Terauchi, o comandante do Exército da Manchúria, yama, e seu chefe de gabinete, Kodama, reuniram-se no Quartel-General Imperial em 10 de junho para definir a direção operacional da guerra. Katsura participou de conferências como oficial geral aposentado, mas não foi informado oficialmente sobre assuntos operacionais. No entanto, ele recebeu informações precisas dos principais estadistas (Yamagata e It) porque o Exército forneceu-lhes relatos da situação militar.

Katsura também era amigo íntimo e companheiro de bebida do ministro da Guerra Terauchi, que provavelmente lhe passou informações. Devido ao sistema burocrático pesado e excludente, as relações pessoais informais desempenharam um papel crucial na coordenação de iniciativas militares, polí-



ticas e diplomáticas. Uma breve revisão das operações destaca tais deficiências.

BIBLIOGRAFIA

CONNAUGHTON, R. M. *The War of the Rising Sun and the Tumbling Bear: a military history of the Russo-Japanese War 1904–1905*. London, 1988.

HWANG, Kyung Moon. *A history of Korea*. London: Palgrave, 2010.

JUKES, Geoffrey. *The Russo-Japanese War 1904–1905*. Essential Histories. Wellingborough: Osprey Publishing, 2002.

KEEGAN, John. *The First World War*. New York: Alfred Knopf, 1999.

NISH, Ian. *The origins of the Russo-Japanese War*. Harlow: Longman, 1985.

OLENDER, Piotr. *Russo-Japanese naval war 1904–1905: Battle of Tsushima*. Sandomierz: Stratus, 2010.

ORCZYK, Robert. *Russian battleship vs Japanese Battleship: Yellow Sea 1904-05*. Oxford: Osprey Publishing, 1998.

STORRY, Richard. *Japan and the decline of the West in Asia, 1894–1943*. New York: St. Martins' Press, 1979.

WARNER, Denis; WARNER, Peggy. *The Tide at Sunrise: a history of the Russo-Japanese War 1904–1905*. New York City: Charterhouse, 1974.

WATTS, Anthony J. *The Imperial Russian Navy*. London: Arms and Armour Press, 1990.

WELLS, David; WILSON, Sandra (orgs.). *The Russo-Japanese War in cultural perspective, 1904-05*. Basingstoke: Macmillan, 1999.

¹ NISH, Ian. *The origins of the Russo-Japanese War*. Harlow: Longman, 1985.

² A Intervenção Tripartite foi um movimento diplomático da Rússia, Alemanha e França, em 23 de abril de 1895,

sobre os termos do Tratado de Shimonoseki assinado entre o Japão e a Dinastia Qing da China, que terminou a Primeira Guerra Sino-Japonesa (1894-1895).



³ WELLS, David; WILSON, Sandra (orgs.). *The Russo-Japanese War in cultural perspective, 1904-05*. Basingstoke: Macmillan, 1999.

⁴ JUKES, Geoffrey. *The Russo-Japanese War 1904-1905*. Essential Histories. Wellingborough: Osprey Publishing, 2002.

⁵ WELLS; WILSON, op.cit.

⁶ OLENDER, Piotr. *Russo-Japanese naval war 1904-1905: Battle of Tsushima*. Sandomierz: Stratus, 2010.

⁷ CONNAUGHTON, R. M. *The War of the Rising Sun and the Tumbling Bear: a military history of the Russo-Japanese War 1904-1905*. London, 1988.

⁸ WARNER, Denis; WARNER, Peggy. *The Tide at Sunrise: a history of the Russo-*

Japanese War 1904-1905. New York City: Charterhouse, 1974.

⁹ HWANG, Kyung Moon. *A history of Korea*. London: Palgrave, 2010.

¹⁰ CONNAUGHTON, op.cit.

¹¹ JUKES, op.cit.

¹² WELLS; WILSON, op.cit.

¹³ ORCZYK, Robert. *Russian battleship vs Japanese Battleship: Yellow Sea 1904-05*. Oxford: Osprey Publishing, 1998.

¹⁴ CONNAUGHTON, op.cit.

¹⁵ STORRY, Richard. *Japan and the decline of the West in Asia, 1894-1943*. New York: St. Martins' Press, 1979.